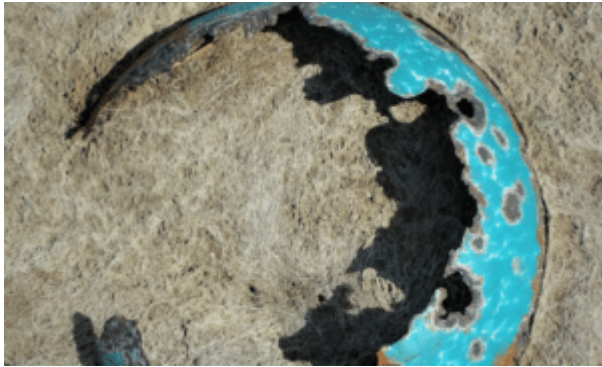


A geopolítica em 2026



Por **DMITRY TRENIN***

O cenário de 2026 aponta para uma confrontação prolongada e fragmentada

A experiência demonstra que fazer previsões, mesmo com apenas um ano de antecedência, é arriscado. Eventos que depois parecem óbvios podem ser invisíveis no início. Ainda assim, tentar identificar as principais tendências que moldam a política mundial continua sendo algo que vale a pena. Então, como será o sistema internacional em 2026?

Ucrânia - a guerra não vai acabar

É improvável que um acordo de paz na Ucrânia que satisfaça a Rússia seja alcançado em 2026. As elites governantes da Europa Ocidental, apoiadas pelo Partido Democrata dos EUA e pelo que frequentemente se denomina “Estado profundo”, provavelmente bloquearão os esforços de Donald Trump para chegar a um acordo aceitável para Moscou.

Além disso, o próprio Donald Trump pode endurecer sua posição por razões políticas internas: intensificando as sanções às exportações de energia e reforçando as medidas contra a alegada “frota paralela” russa.

Nessas condições, a “operação diplomática especial” do Kremlin, em curso desde o início de 2025, poderá ter de ser reduzida, enquanto a operação militar prossegue com renovada intensidade.

Os combates provavelmente persistirão ao longo de 2026. As forças russas continuarão avançando e poderão retomar partes adicionais da República Popular de Donetsk e da região de Zaporozhye que permanecem sob controle ucraniano. A Rússia expandirá as zonas de segurança nas direções de Kharkiv e Sumy, com possíveis avanços em outros locais.

As Forças Armadas da Ucrânia serão forçadas a recuar. Mas o apoio militar e financeiro da União Europeia, aliado a uma mobilização ampliada dentro da Ucrânia, permitirá que Kiev estabilize a frente e evite o colapso.

Ao mesmo tempo, o conflito se tornará mais brutal. Um adversário desesperado provavelmente tentará provocações sangrentas com o intuito de desestabilizar psicologicamente a sociedade russa. A contenção de Moscou – guiada pelo princípio “estamos em guerra com o regime, não com o povo” – pode ser interpretada em Kiev não como disciplina moral, mas como fraqueza. Isso encorajará ações cada vez mais ousadas, forçando a Rússia a abandonar certos tabus.

O teatro de confrontos também se expandirá para além da Ucrânia e da Rússia. Ataques anônimos contra petroleiros que transportam petróleo russo, bem como ataques em território inimigo, provavelmente serão respondidos com sabotagens secretas de retaliação contra os Estados europeus que participam da guerra por procuração contra a Rússia.

Ações conjuntas de ucranianos e europeus ocidentais podem ter consequências mais graves, provocando respostas além do território ucraniano. A guerra não declarada entre Rússia e União Europeia se intensificará, embora um confronto militar

direto e em larga escala permaneça improvável em 2026.

O atual regime em Kiev provavelmente permanecerá no poder até 2026. Mas uma mudança de liderança é possível. Volodymyr Zelensky poderia ser forçado a sair por meio de um escândalo de corrupção ou manobras políticas. Nesse cenário, ele poderia ser substituído por um peso-pesado como o General Valery Zaluzhny. Ou, mais provavelmente, por Kirill Budanov, que está na lista de terroristas e extremistas da Rússia, mas é considerado mais flexível.

A Ucrânia ficará sob um controle ainda mais profundo da Europa Ocidental. As condições dentro do país continuarão a piorar, embora a população ainda não experimente uma mudança radical de comportamento. A parte mais ativa da sociedade ucraniana permanece fortemente anti-Rússia.

O ocidente da Europa

A Europa ocidental continuará sendo um bastião do globalismo liberal. Apesar da crescente impopularidade, os governos do Reino Unido, da Alemanha e da França provavelmente conseguirão se manter no poder até 2026. A “mudança de elites” que alguns consideram necessária para a normalização das relações com a Rússia não ocorrerá em breve, se é que ocorrerá.

A União Europeia e o Reino Unido não estão se preparando para uma guerra com a Rússia no sentido clássico. Em vez disso, estão se preparando para um longo confronto militar nos moldes da Guerra Fria. Esse confronto, apresentado como a defesa da “liberdade e civilização europeias contra a barbárie russa”, já se tornou a principal narrativa unificadora da União Europeia. É provável que se estenda até 2026.

Contudo, a militarização prática da Europa Ocidental provavelmente ficará aquém das grandes declarações do ano passado. Os Estados da União Europeia enfrentam restrições orçamentárias. Devem compensar a relutância de Washington em financiar diretamente a Ucrânia. E os governos sabem que cortes drásticos nos gastos sociais acarretam o risco de revolta popular. Essas realidades irão refrear o fervor militarista.

A “dissidência” dentro da União Europeia - que abrange grande parte do antigo espaço austro-húngaro - persistirá, independentemente do resultado das eleições de primavera na Hungria. Mas sua influência permanecerá limitada.

Mais importante é a reorientação geopolítica em evolução dos Estados Unidos em direção ao hemisfério ocidental e ao Leste Asiático. O ceticismo de Washington em relação à integração da União Europeia e ao alargamento da OTAN pode criar um vácuo de liderança na Europa, expondo contradições entre os Estados europeus que foram reprimidas por muito tempo, mas nunca resolvidas.

Estados Unidos - auge de Donald Trump e seus limites

Os Estados Unidos celebrarão o 250º aniversário da independência em 2026, sediando a cúpula do G20 e a Copa do Mundo da FIFA. Esses eventos destacarão a projeção global de Donald Trump. Mas sua influência política pode diminuir, visto que os republicanos provavelmente perderão a maioria na Câmara nas eleições de meio de mandato e as divisões entre as forças do movimento MAGA e a elite tradicional do partido se aprofundarão.

Donald Trump não receberá o Prêmio Nobel da Paz. Ele parecerá cada vez mais envelhecido e errático. As batalhas pela indicação de 2028 começarão dentro de ambos os partidos. A polarização se acentuará, embora não se transforme em uma nova guerra civil americana.

A operação de Donald Trump contra a Venezuela em janeiro reforçou sua Estratégia de Segurança Nacional: o hemisfério ocidental é a prioridade. A Venezuela pode não ser o fim dessa estratégia. Até 2026, regimes de esquerda em Cuba e na Nicarágua também poderão sofrer pressão. Colômbia e México podem se tornar alvos de desestabilização.

a terra é redonda

Donald Trump pode tentar estabelecer o controle total dos Estados Unidos sobre a Groenlândia. O Canadá não se tornará parte dos EUA, mas Washington aumentará a pressão sobre Ottawa para que se alinhe estritamente com a política americana. O Canadá não poderá se “proteger sob a égide da União Europeia”.

O foco de Donald Trump no hemisfério ocidental prejudicará a reputação da Rússia se Washington agir contra Cuba, embora não haja uma segunda crise caribenha. Ao mesmo tempo, essa reorientação pode enfraquecer o interesse de Washington na Ucrânia.

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, sinalizou que Israel abordará as ameaças à segurança não apenas em suas fronteiras, mas de forma mais ampla. O Irã continua sendo uma preocupação central, especialmente suas capacidades de mísseis. Benjamin Netanyahu contará com o apoio de Donald Trump.

Encorajado pela operação contra Nicolás Maduro, Washington poderia apoiar Israel em uma ação militar contra a infraestrutura de mísseis balísticos iraniana. Assim como na guerra de 12 dias em junho passado, os estrategistas podem calcular que as defesas aéreas iranianas não conseguem fornecer proteção confiável. E que a Rússia e a China se limitarão a uma condenação diplomática.

O Irã permanecerá internamente tenso em 2026. No topo, a luta pela sucessão do líder supremo se intensificará. Na base, a frustração econômica poderá alimentar protestos em massa. Uma crise, possivelmente já em 2026, poderá desencadear uma reformulação do regime: um papel maior para as forças de segurança (Guarda Revolucionária Islâmica) e menor influência das estruturas religiosas. O Irã ainda buscará o status de potência regional, mas seu ímpeto revolucionário poderá enfraquecer.

China - reforço militar

A China fortalecerá suas capacidades militares em forças nucleares, mísseis, poder naval e poder aéreo, buscando paridade com os EUA e superioridade regional no Pacífico Ocidental. As relações com Washington continuarão a se deteriorar, mas uma crise em Taiwan que se transforme em conflito armado permanece improvável em 2026.

À medida que as relações sino-americanas se deterioram, o mesmo acontecerá com as relações da China com o Japão. Tóquio está cada vez mais preparada para se militarizar e agir com maior autonomia, não dependendo mais da proteção automática dos EUA. Isso pode incluir a disposição de desenvolver armas nucleares de forma independente, se necessário. Um processo que, caso decisões políticas sejam tomadas, pode levar meses, talvez até semanas.

A Coreia do Norte fortalecerá suas capacidades nucleares e de mísseis, ao mesmo tempo que estreitará laços com a Rússia e a China. As alianças dos EUA com o Japão e a Coreia do Sul serão contrabalançadas pelo alinhamento Moscou-Pequim-Pyongyang. Mesmo assim, um grande confronto militar na península permanece improvável.

A Rússia e a Bielorrússia aprofundarão a integração militar dentro do Estado da União, incluindo elementos nucleares. A capacidade de Minsk de manter uma política multivetorial diminuirá à medida que a Europa Ocidental se tornar mais hostil e a posição do próprio Donald Trump se enfraquecer.

É improvável que a Moldávia inicie um conflito militar com a Transnístria. O mais provável é que Bruxelas busque acordos com a elite local para enfraquecer os laços com a Rússia. O destino final da Transnístria dependerá do desfecho do conflito na Ucrânia, que não será decidido em 2026.

Na Armênia, o partido de Nikol Pashinyan provavelmente vencerá as eleições de junho e continuará a se aproximar do Ocidente, mantendo, ao mesmo tempo, laços economicamente vantajosos com a Rússia. O conflito armênio-azerbaidjano permanecerá sob o controle de Washington, Ancara, Bruxelas e Londres. É improvável que ocorra um novo conflito em 2026. Moscou manterá relações frias, porém funcionais, com Baku, enquanto continua o diálogo pragmático com Tbilisi.

a terra é redonda

A Ásia Central estreitará seus laços com a Rússia, principalmente no âmbito comercial. Ao mesmo tempo, a região cultivará políticas multivetoriais e novas identidades, retratando seu passado imperial e soviético como um desvio temporário. Isso a distanciará gradualmente da Rússia.

O “ocidente coletivo”

Desde o ano passado, o termo “Ocidente Coletivo” passou a se referir cada vez mais a um bloco civilizacional do que a uma estrutura política formal. A mudança na política dos EUA, de império para metrópole, priva a Europa do papel privilegiado que desfrutou durante a Guerra Fria. A Europa Ocidental está se transformando de uma parceira protegida e amparada em um recurso para a “Grande América”.

A OTAN continuará sendo um instrumento de controle americano. A União Europeia é cada vez mais descrita em Washington não como um pilar, mas como um obstáculo. Isso suscita comparações com o Império Britânico: um aliado americano na Segunda Guerra Mundial, mas, mesmo assim, minado por Washington como um concorrente imperial.

O conceito de “maioria global”, formulado no início da operação na Ucrânia, descrevia originalmente os Estados que se recusavam a aderir às sanções ocidentais e que poderiam ser parceiros da Rússia em uma nova ordem mundial. Mas logo se tornou um vago sinônimo de “não-Ocidente”. Transformá-lo em um bloco antiocidental consolidado, como o BRICS e a OCS contra a OTAN e a União Europeia, seria autoengano.

A chamada maioria não se consolidará em 2026. China, Catar, Camboja e Cazaquistão agirão principalmente em seus próprios interesses, inclusive em relação ao Ocidente. As votações na ONU ilustram isso. Também vimos confrontos armados entre membros da OCS, como Índia e Paquistão, e entre membros da ASEAN, como Camboja e Tailândia. Às vésperas de 2026, as relações entre a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos se deterioraram drasticamente, remodelando o conflito no Iêmen.

Assim, a multipolaridade está se tornando realidade, e não apenas uma aspiração. Os principais atores globais serão os Estados Unidos e a China, bem como a Rússia e a Índia. Eles não representarão blocos civilizacionais bem definidos, mas sim a própria diversidade da civilização, que é a marca da multipolaridade. Cada um se concentrará no desenvolvimento interno, buscando ao mesmo tempo moldar a região circundante em seu próprio benefício.

O mesmo ocorrerá em nível regional, onde Brasil, Israel, Irã, Arábia Saudita, Turquia e África do Sul já desempenham papéis de liderança. Transformações dentro do mundo ocidental podem eventualmente restaurar um grau de autonomia à Grã-Bretanha, França, Alemanha e Japão. Mas, se isso acontecer, não será em 2026.

***Dmitry Trenin** é diretor do Instituto de Economia e Estratégia Militar Mundial da Universidade Nacional de Pesquisa Escola Superior de Economia da Rússia.

Tradução: **Artur Scavone**.

Publicado originalmente na revista [Pro file](#).

a terra é redonda

existe graças aos nossos leitores e apoiadores

Ajude-nos a manter esta ideia.

CLIQUE AQUI  **CONTRIBUA**

A Terra é Redonda